

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Zulmira Piedade Lopes Martins

registada em 2008-09-18
por

Jenny Campos e Carla Aguiar

Zulmira Piedade Lopes Martins

Zulmira Piedade Lopes Martins nasceu em casa, em Chãs d'Égua, no dia de Natal de 1950. O pai chamava-se António Maria Lopes e a mãe era Maria da Piedade dos Anjos. Trabalhavam no campo. “Era a vida deles, dantes.” Tiveram cinco filhos, duas raparigas e três rapazes. Zulmira e os irmãos começaram a trabalhar logo de pequeninos. “Ou íamos botar o gado, pô-lo a pastar ou buscar uma lenhita, umas pinhas e uns pauzitos.” Entrou na escola com 7 anos e saiu com 12. Andou lá até ao quarto ano. Casou em 1982, no Mont'Alto. “Na altura, os casamentos era como se podia.” Tem dois filhos. Um tem 26 anos e o outro 16. Trabalhou sempre no campo e nunca saiu da aldeia. “Cá nasci, cá fui criada e cá estou até se acabar a vida.”

Índice

| | |
|---|----|
| Identificação Zulmira Piedade Lopes Martins..... | 4 |
| Ascendência António Maria Lopes e Maria da Piedade dos Anjos..... | 4 |
| Infância "Começávamos a trabalhar logo de pequeninos"..... | 4 |
| Casa "Dormíamos dois a dois e, às vezes, três a três"..... | 5 |
| Educação "Éramos aos três e aos quatro em cada carteira"..... | 6 |
| Religião "Fiz tudo o que pertencia"..... | 7 |
| Casamento Casamento como se podia..... | 8 |
| Descendência "Tenho dois filhos"..... | 8 |
| Migração "Fui vendo as pessoas sair da terra"..... | 10 |
| Costumes Tradições..... | 11 |
| Lugar "Daí puseram Chãs d'Égua"..... | 12 |
| Sonhos "Que Deus me desse saúde"..... | 17 |
| Avaliação Mostrar a vida..... | 17 |

Identificação *Zulmira Piedade Lopes Martins*

O meu nome é Zulmira Piedade Lopes Martins. Nasci em casa, em Chãs d'Égua, no dia de Natal de 1950.

Ascendência *António Maria Lopes e Maria da Piedade dos Anjos*

O meu pai chamava-se António Maria Lopes. Era de cá, de Chãs d'Égua. A minha mãe era Maria da Piedade dos Anjos. Também nasceu em casa, cá na terra. Dantes, ninguém ia ter os filhos aos hospitais.

Andavam na agricultura. Iam trabalhar no campo. Era a vida deles, dantes. Semeavam batatas, feijão, milho, centeio... Tínhamos cabras, ovelhas, coelhos e galinhas. Era a criação que a gente tinha para poderem comer. Porque dinheiro, de onde é que ele vinha? Não havia reformas, não havia abonos. Agora são pequeninos, mas há os abonozitos dos filhos. Dantes, nem os filhos tinham abonos. Não tinham nada. Os terrenos, uns eram nossos, outros eram de aluguer. Cultivavam e no final tinham que dar alguma coisa aos donos: um tanto de milho, um tanto de feijão, um tanto de azeite. Também apanhavam a azeitona. Costumava ser um terço: eram duas partes para quem cultivava e uma para o dono das terras. Só emprestava as terras e ficava quase com tanto como quem andava todo o ano a trabalhar.

Infância "*Começávamos a trabalhar logo de pequeninos*"

Éramos cinco irmãos. Duas raparigas e três rapazes. Nós começávamos a trabalhar logo de pequeninos. Quando andávamos na escola, ao meio-dia, vínhamos almoçar. A minha mãe, que Deus tem, já tinha o comer pronto. Comia e lá ia ela com o cesto levar o almoço ao meu pai que, às vezes, andava a serrar pinheiros. A serrar madeira, para as casas. E lá ia eu, também. Ainda era longe. Quando vinha de volta, já estavam a entrar para a escola. A professora até havia de me dar uma tolerância, porque eu não andava a brincar, andava a trabalhar. Alguns andavam na brincadeira. Mas, às vezes, chamava-me lá à secretária e ainda dava. Toma! Que é para almoçares. Quando chegava à escola, ainda levava tarefa. À tarde, quando saíamos, aí vão eles trabalhar. Já ficava marcado ao meio-

dia o que havíamos de fazer à tarde. Ou íamos botar o gado, pô-lo a pastar ou buscar uma lenhita, umas pinhas e uns pauzitos, porque os nossos pais não tinham tempo para andar atrás delas. Nós, as rapariguitas, ajuntávamo-nos e íamos para os pinheiros. Trazíamos umas pinhas ou uns pauzitos e os nossos pais já ficavam todos contentes. À noite, já dava para se aquecerem.

Os rapazes andavam aí sempre pelos barrocos. Havia aquelas poças grandes para estancar a água para depois a gente regar. Andavam lá sempre metidos nos poços em carrapatos a nado. Mas as pessoas, às vezes, queixavam-se:

- "Ai! Foram botar a poça a tal lado!"

Aquilo tinha uma laje grande, com um buraco por onde saía a água e um pau para tapar. Ora, eles até nem faziam aquilo por maldade, com certeza. Só que a nadar lá lhe tocavam. Pronto, ia-se a água embora. Quando as pessoas chegavam para regar - e, às vezes, com o renovo a precisar da água - já ela lá não estava. Já se tinha ido embora.

As raparigas ficavam em casa a trabalhar ou a brincar umas com as outras, com uns bonequitos quaisquer. A gente aqui não tinha bonecos, mas as raparigas tinham os pais em Lisboa. Quando era pelo Natal davam uns brinquedos aos filhos. Quando era mais crescida, tive uma boneca. Mas quando era assim pequeninita, e andava na escola, que é delas? Nada! Às vezes faziam-nas de trapos. Aquelas bruxas de trapos. Mesmo nós as fazíamos. Não havia doutras. E nós, tão contentes, a brincar com aquilo. Não havia outra coisa. Passávamos assim o tempo.

Casa "Dormíamos dois a dois e, às vezes, três a três"

A minha casa era muito grande, só que não era bem arranjada. Era como as dos outros. Era o que se podia.

Por fora, era de xisto. Era toda feita em pedra. Por dentro, estava rebocada. Tinha dois andares. O sótão, dois andares e as lojas. A cozinha era no andar de cima. No fundo, eram as lojas, que era para a pessoa ter o vinho, as batatas e assim as coisitas. Os animais não ficavam connosco. A gente, onde tinha as terras, é que tinha as casitas para eles. O curral, o palheiro. Era onde eles ficavam. Em cima, era para a gente viver. Os quartos, a cozinha, a sala e para arrumação. Para nos arrumarmos todos. Dormíamos dois a dois e, às vezes, três a três. Os rapazes, às vezes, dormiam todos juntos. Nós éramos cinco. Ora, com o dos meus pais, seis. A casa não tinha seis quartos. Tinha quatro, cinco. Às vezes, ficava uma cama vazia e eles queriam dormir uns com os outros, quando era no Inverno. Era para andarem na brincadeira e para dormirem mais quentes.

Quando o meu pai faleceu, há 16 anos, dois irmãos meus ficaram com a casa. Um foi o que faleceu, o mais novo. Estava na Venezuela. A outra foi a minha irmã. Depois, mandaram-na arranjar. Deitaram-na abaixo e voltaram-na a fazer toda em pedra, em xisto. É o moderno agora.

Educação "Éramos aos três e aos quatro em cada carteira"

Entreí na escola com 7. Saí com 12. Chumbei no segundo ano. Andei lá até ao quarto. Antes, a gente ia só até ao quarto, mais nada. Era a quarta classe. Para fazermos depois a admissão, que era o quinto ano, tínhamos que ir a Arganil. E dinheiro? Para pagar a pensão, a dormida e tudo. Onde é que ele estava? Fazíamos o quarto ano, saíamos. Era trabalhar.

A escola era onde agora estão as artes rupestres. Chegámos lá a andar quatro irmãos. Eu e mais três. Chegámos a andar 56! Éramos aos três e aos quatro em cada carteira, porque não havia carteiras para todos. E agora? Agora, na escola, anda só o meu mais pequenino. Só um aluno.

No meu tempo, cada ano era a sua professora. Uns anos era de Arganil, outros eram de Vilarinho. Cada ano era de seu lado. Ao fim de um ano, ia-se embora e vinha outra. Não paravam cá. Não eram muito severas, mas algumas eram de rabo branco. Quando a gente andava na quarta classe, fazia os ditados. Quem desse mais de cinco erros, levava com uma palmatória. Era uma tábua com buracos e depois, pumba! As raparigas não davam assim muitos erros, mas os rapazes era quase cada palavra, seu erro. Ai, coitadinhos! Às vezes, até metiam pena. Pumba! Metiam a mão debaixo do braço e davam a outra mão. Mas para os castigar, não era preciso bater-lhes assim... Ai, até ficavam com as mãos negras. Agora, não se pode bater nos alunos, mas às vezes até mereciam! Até lhes fazia falta. Eu, às vezes, digo assim para o meu:

- Se tu levasses as que alguns levaram, acho que nem ias à escola...

"Tínhamos comido as castanhas e ao fim comêramos chicha fresca"

Dantes, havia cá muita castanha. Punham-nas a secar nos caniços. A gente tem uns caniços na cozinha. Eram as castanhas piladas. Um dia, vim da escola mais o meu irmão mais novo. Chegámos a casa, os meus pais não estavam lá. Diz ele assim:

- "Ah! Hoje é que nós vamos encher a barriga de castanhas!"

Vai com um pau e dá no caniço para cima, que aquilo era tudo em ripas. Caiu logo um monte delas para a cozinha. Enchêramos os bolsos, aí vão eles para a escola outra vez. Mas como não podíamos ir comê-las dentro da escola,

fomos para a parte de lado. Quando fomos para a escola, já eram lá umas duas ou três horas. A professora disse-nos:

- "Que é que vós andastes a fazer?"

- Não andámos a fazer nada!

- "Ai não? Então andai cá..."

Pumba! Tínhamos comido as castanhas e ao fim comêramos chicha fresca. Toma!

Religião "Fiz tudo o que pertencia"



Comunhão solene de Rui Manuel, filho de Zulmira

Andei na doutrina. Era aqui. Fiz a Profissão de Fé e o Crisma. Fiz tudo o que pertencia. Quem ensinava era uma mulher que aí está, que foi freira 12 anos. A que, agora, toma conta da capela. Trata da capela, enfeita, limpa e trata de tudo. Às vezes, as nossas irmãs e as nossas mães davam-nos a doutrina. Tínhamos que

estar ali sossegadinhas, senão já sabíamos como é que era. Quando a gente se dava conta, pumba!

Quando era mais pequena, ia à missa. Nós tivéramos quase sempre missa até 1970. Depois, o padre foi-se embora e já não veio mais nenhum. Se queríamos ir, tínhamos que ir ao Piódão. Só ia lá celebrar. Aqui, deixou de haver. Vem cá uma vez por semana, às vezes aos sábados, quando cá o mandam vir. Só que não vem cá todos os sábados, porque é caro. São 40 euros, 8 contos, pela moeda antiga. Então, vem cá ao menos uma vez por mês para renovar o Santíssimo. A gente tem o Santíssimo. As pessoas, quando fazem anos de falecimento ou assim, também o mandam cá vir. Mas não se pode cá mandar vir muita vez, porque fica muito caro!

Casamento *Casamento como se podia*

Casei em 1982. O casamento foi no Mont'Alto. Na altura, os casamentos era como se podia. Eu ia de vestido branco, como as outras. O meu marido ia de fato. A festa, ao fim do casamento, foi comer e beber até umas tantas! Cada um é que tinha que escolher o que queria para o almoço. Eu já não sei o que escolhi.

Descendência "*Tenho dois filhos*"

Tenho dois filhos. Um tem 25. Se chegar a dia de Natal, como eu, faz 26. Também faz anos no dia de Natal. Trabalha no INATEL do Piódão. Tenho outro pequenino. Eu digo que é pequenino, mas é muito mais alto que eu e que o mais velho. É maior, mais alto e mais forte. Faz 16 anos no dia 5 de Dezembro:

- "Ó, mãe, eu também gostava de fazer anos no seu dia..."

- Então, olha, esperasses! Quem te mandou vir mais cedo? - digo-lhe eu assim, às vezes.

- "Só me está a gozar"

- Não te estou a gozar. Calhou.

Até ao nono ano, andou na Ponte. Vinha o táxi ou a carrinha buscá-lo aqui. Para Vale de Maceira ia de camionete. De Vale de Maceira, ia no autocarro para a Ponte. Para o décimo, teve que ir para Oliveira. Mas a Câmara não paga os transportes. O ano passado pagava e os outros anos também, mas este ano não. Que só por um, não dava. Foi na segunda-feira para Chão Sobral para o pé de uma sobrinha que lá tenho. Tem lá os primos. Um é do ano dele e andou sempre colega dele. Vai com eles e vem com eles. Lá come e lá dorme até sexta-feira.

Sexta-feira à noite, vamos lá buscá-lo. Depois, temos que o ir lá levar outra vez ao domingo à tarde. Era a única solução. Não havia outra.



Zulmira Martins com os filhos Rui e Luís e o marido Manuel Martins

"Ouve uma ambulância, fica logo a tremer"

Eu estive um tempo no hospital em Coimbra. O meu mais pequeno e o pai tinham ido comigo a Oliveira, ao centro de saúde. O médico disse-me que tinha que ir para Coimbra fazer exames. Se eles entendessem que devia ficar, tinha que ficar internada. Se entendessem que não, vinha para casa. O meu filho também foi. Coitadinho, ficou com medo. O meu mais pequenito, coitadinho, ouve uma ambulância, fica logo todo a tremer. Tem muito medo. Se vir ali uma, fecha a porta e já não sai à rua. Às vezes, vai uma ambulância para a capela buscar alguém. Mas como a gente está aqui, nem sabe quem é que é. Digo-lhe assim:

- Ó, Luís, vai além à porta do café ver quem é que a ambulância veio buscar.

- "Eu? Nunca na vida!"

Tem medo, muito medo!

Não tenho netos. Era bom! Eu gostava bem de os ter.



Zulmira Martins com o filho mais novo Luís e o marido Manuel Martins

Migração "*Fui vendo as pessoas sair da terra*"

Nunca emigrei. Cá nasci, cá fui criada e cá estou até se acabar a vida. Sempre cá estive. Sempre a trabalhar no campo. Agora, nem no campo trabalho. Não posso.

Fui vendo as pessoas sair da terra. Trabalhavam lá em Lisboa. Todas diziam:

- "Ai, nós, em nos reformando, já para cá viemos."

Vieram dois casais. Desses dois casais, uma senhora já morreu há não sei quantos anos. Ficou só o marido, que está com 86. Já está velhote. Do outro casal, que eram os meus tios, morreu o meu tio faz dois anos para Março. Ficou a mulher com 90 anos. Os outros vêm cá, muitas vezes durante o ano, até. Às vezes, aos fins-de-semana. A maior parte também já está reformada. Só que não param cá muito tempo. Estão oito, 15 dias e aí vão eles. Dizem que lá é que se está bem. Para tomarem o café, é só descer as escadas, têm logo o café à porta. Se precisam de alguma coisa para comer, telefonam à senhora do supermercado, que lhes vai lá levar as coisas. Dizem que lá é que se está bem. Têm reformas boas, dá para tudo. Têm as casinhas deles. Não é preciso pagar renda. Aqui, não. Aqui, no Verão, está-se bem. Mas no Inverno, às vezes frio e a chover.

Costumes *Tradições*

"Em Agosto é que fazem uma festa mais ou menos"

Aqui, o São João Baptista é o padroeiro. Ao lado dele estão a Santa Bárbara e a Nossa Senhora das Febres. Depois, está o Sagrado Coração de Jesus e a Senhora de Fátima. E temos ali, na Malhada, a Capela da Nossa Senhora do Carmo. Fazem-se festas para comemorar estes santos. No fim de Agosto, é a festa da Nossa Senhora de Fátima, do São João e do Santíssimo. No princípio de Dezembro, é a Nossa Senhora das Febres. Pela Páscoa é Santa Bárbara. Mas em Agosto é que fazem uma festa assim mais ou menos. Os santos pequenitos é missita e mais nada. Em Agosto, vem a música fazer barulho. É a missa, sermão e procissão. Há muita gente. É quando cá está a malta toda de férias. Agora, nem foguetes se botam. É proibido botar foguetes por causa dos incêndios. Mas eles vêm na mesma.

Pelo Natal e pela Páscoa

Quando era pelo Natal, a maior parte da gente ia-o passar a Lisboa ao pé da família.

Pela Páscoa, os de Lisboa vinham cá todos para abrirem as casas à Cruz. Anda a Cruz de casa em casa. Ainda há. Cá, dão as boas-festas pelas casas todas. De manhã, é a missa lá no Piódão, às dez horas. Depois vêm e almoçam. Começam a dar as boas-festas às duas horas. Acabam às nove, já de noite. Como não há padre, andam os leigos. As pessoas organizam-se. Têm aquelas três, quatro, cinco pessoas. Um anda com a caldeirinha de água benta, outro anda com a Cruz, outro anda com o saco do dinheiro. Vão dar a volta para tirar as esmolos. Todos põem esmolos.

No Domingo de Ramos, não se faz nada de especial. Só vão à missa. Benzem os ramos e, pronto, vêm para casa. Não fazem festas nenhuma.

"Tomara cá a gente desse queijinho"

Com o leite, fazíamos o queijo. A gente ordenhava as cabras e as ovelhas. Chegávamos a casa, púnhamos um pano em cima duma panela e coávamos o

leite. Trazia às vezes cabelos e sujidade. Punha-se-lhe um bocadinho de coalho e ia vendo. A gente tinha coalho dos cabritos. Era o estômago deles ainda antes de comerem. Estava limpinho, porque era só o leite. Era aquele leite seco. A gente desfazia num bocadinho de água numa tigelinha e punha-lho. Quando não tínhamos, era comprado na farmácia. Aqueles frasquinhos pequeninos. Um pó, um veneno qualquer. Quando o leite estivesse coalhado, quando já estivesse em massa rija, fazíamos o queijo.

Depois, comíamos e dávamos à família, quando vinham de Lisboa ou assim. Era bom! Tomara cá a gente desse queijinho. Não era queijo como agora a gente compra. O queijo de agora não vale nada. Nada! Não é o puro. Mas, pronto, a gente tem que o comprar se o quiser comer. Agora não o fazemos.

"Doces da terra que mais faziam"

Os doces da terra que mais faziam era o arroz-doce, os coscoréis, as filhós, bolos no forno, bolos esquecidos, assim esses docitos que havia.

Os coscoréis fazem-se com farinha de trigo. Têm que ser amassados, como as outras coisas também têm que ser amassadas. Depois, deixa-se a levedar e estando lêvedos é que se fazem.

Agora, a gente já nem liga a esses doces, porque os come todo o ano. Ora, dantes, não. A gente não comia os doces que queria, porque não havia dinheiro para os comprar. Só pelo Natal é que se fazia o arroz-doce, os coscoréis e mais doces.

Lugar "*Daí puseram Chãs d'Égua*"

Aqui em cima há uma assentada grande. Um bocado grande todo plano. Diziam que iam lá pôr as éguas a pastar. Daí puseram Chãs d'Égua

"Era tudo em pedra"

As casas que estavam primeiro, são as que estão agora. Mas, agora, já fizeram algumas mais. Era tudo em pedra. Havia poucas que fossem caiadas. Mas as pessoas que saíram, lá foram arrançando dinheiro. Lá no estrangeiro e mesmo em Lisboa, ganha-se mais. Já puderam melhorar a casa. Já têm posses para isso. Quem podia, tinha as casas todas pintadinhas, todas rebocadas, mesmo por fora. Quem não podia, deixava estar. Agora, têm as casas boas. Deitam-nas abaixo para fazer tudo em pedra. É mais moderno. Ficam bonitas, mas quem as

tem em pedra queixa-se que entra humidade. Eles ainda põem aquela esferovite. São feitas em tijolo, e põem aquelas placas de esferovite entremeio. Depois, é forrada a pedra por fora. Não é toda a pedra. Alguns queixam-se que entra água. Às vezes fazem-nas num ano e ao outro ano já têm que andar aí a pintar.

"Uns candeeiritos a petróleo"

Quando eu era pequenita, não havia electricidade. A electricidade deve cá estar há uns 30 e tais anos, perto de 40. Usávamos uns candeeiritos pequenitos a petróleo. Com isso é que a gente se alumia. A gente estava em casa e precisava de ir ao andar de baixo fazer qualquer coisa. Lá tínhamos que ir com o candeeirito. Levávamos logo a caixa dos fósforos para a gente acender se se apagasse. Não havia outro remédio. Ninguém tinha electricidade. Nem na rua havia. Depois, veio para a rua e pôs-se em casa.

"Tenho saudades de lavar no barroco"

Água, na rua, só nos fontanários. Da rua, a gente levava-a para casa. Lembro-me eu, era nestas fontes, nestas nascentes, que havia por aí. Havia umas quatro fontes. Ficavam todas perto das casas. Estava sempre a água a correr. Com certeza que também vinha do ribeiro. Vem quase lá de cima da serra. A gente ia com os cântaros buscá-la. Como toda a gente criava porcos, mais água se gastava. Em casa, quase sempre houve. Já desde 1956, 1957, canalizaram-na. Fizeram a mina e a casa de tratamento. Tudo lá em cima. Assim que a canalizaram cá para baixo, já tudo pôs água em casa.

Para lavar a roupa, a gente tinha tanques. Tanquezitos pequenos. Quando estava a chover, lavava em casa. Não íamos lá para a chuva. Quando era no Verão, quando estava o tempo bom, metíamos a roupa na bacia, no alguidar, aí vão elas para o barroco, para o ribeiro. Ainda hoje tenho saudades. Eu é que já não posso, mas tenho saudades de lavar no barroco. Era neste que passa aqui no povo. Havia outro mais para trás. Tinham aqueles poços grandes. A gente, tinha as lavadoiras, que eram pedras grandes. Lavávamos e estava sempre a água limpa, porque a sujidade ia-se embora. Nos tanques, a gente lavava três ou quatro peças e a água ficava logo suja. A lavar no ribeiro, estava sempre a água limpinha. Às vezes, íamos, lavávamos, corávamos a roupa e já a trazíamos lavadinha para casa e, às vezes, até já seca! Lavava-a, punha-a a secar, enquanto lavava outra. Quando vínhamos para casa já a trazíamos dobradinha e arrumada. Eram tempos difíceis, mas ainda metem saudades.

"Os moinhos eram comunitários"

Há aí muito moinho "pia fora"¹. Fui muita vez lá. Às vezes, o meu pai dizia-me assim:

- "Olha, arranja esta mão cheia de grão de milho e vais levar ao moinho. Eu ainda lá tenho muito milho, mas às vezes pode-se acabar."

Eles não gostavam de trazer o moinho a andar sem o milho, porque faziam barulho. Ainda a gente ia longe já se ouvia. Eu ia lá, quando era para apanhar a farinha. Muitas vezes, a gente chegava lá e o que havia de apanhar a farinha, onde é que ele estava? Ainda estava na cama. Haviam de ir logo de manhã cedo, mas não! Às vezes, já aí dava o sol quando lá apareciam. Quanto mais tempo andasse, mais milho lhe estava a moer. A gente não lhe mexia. Não é que desconfiassem, mas, depois, eu dizia assim:

- Então, quem é que me andou a mexer na farinha?

A gente esperava lá no moinho. Quando ela chegava, é que apanhava. Ao fim, a gente deitava-lhe o nosso milho e vínhamos todos para casa.

Os moinhos eram comunitários. Era meu e de mais três ou quatro pessoas. Eu tinha duas peças. Peças eram o dia e a noite. O dia era uma e a noite era outra. A gente não contava por horas, era duas, três, quatro peças. Às vezes, quando não precisavam de moer, pediam uns aos outros:

- "Olha, tens o moinho? Tens algum moinho? Se não precisas de moer, deixa-me moer a mim."

Eu sabia quando era meu. Por exemplo, hoje era meu, amanhã era do vizinho, outro dia era do outro. Depois, voltava a ser meu outra vez. A gente já sabia que nesse dia ia ao moinho.

A gente tinha os porcos. Aos porcos a gente só lhe botava a ração, a farinha do milho. Moía e punha essa farinha para eles comerem.

Agora, estão a descansar. Não se mói nada. Deram-lhe a reforma, pronto. Estão reformados. Já não precisam de trabalhar, mas dantes, eram os moinhos todos a trabalhar aí por esse ribeiro acima...

"Havia tudo!"

Havia sapateiros, havia pedreiros, havia carpinteiros, havia serradores, havia costureiras, havia alfaiates, havia tudo! Agora, esses que tinham os ofícios morreram. Só um alfaiate ainda não morreu. Havia de tudo. As pessoas mais novas têm os ofícios, mas estão lá em Lisboa...

¹por aí a fora

Feiras e estradas

A feira mais perto era na Vide. Quando íamos, tínhamos que ir a pé. Quem é que ia de carro? Não havia estrada. A gente ia de carro, mas era pela serra. Daqui para baixo não havia estrada. Só havia para o Piódão. Só foi ligada mais tarde, há-de haver uns 28, 30 anos. Ligaram aqui por baixo para a Vide. Primeiro era tudo por a serra abaixo. Demorávamos duas horas a lá chegar. Sempre a andar. Não era a andar e parar. Depois a vir, vínhamos carregadas, também a pé, tudo. E quando era no Verão? Tanto calor! Ai, Jesus!

Vinham cá vender peixe. Vinham as mulheres do Piódão com as caixas à cabeça. E quando íamos à feira, trazíamos da Vide ou de Arganil. Não faltava aí peixe.

O carteiro

Dantes, o correio vinha para o Piódão e do Piódão é que havia um carteiro, que vinha distribuir. A gente dizia que era o carteiro. Dava as voltas, mas tudo a pé. À entrada das povoações, tocava a corneta e as pessoas já sabiam:

- "Aí vem o correio!"

Agora, já há uns anos que o correio vem para a Vide e depois vem um carteiro com carro ou com a mota distribuí-lo pelas terras e pelas casas.

"Eram vestidos de chita"

Usávamos uns vestiditos às flores. Diziam que eram vestidos de chita. Um saítas, umas camisolas. Era como se podia. Agora, é sacos de roupa para o lixo. E roupa boa! Mas dantes, não. A miséria batia a todos. A gente lá ia indo conforme se podia. Descalça, andava aos bocados. Mas andar sempre descalça, não. Usava umas chinelas ou uns sapatitos. Andávamos sempre calçadas. Mas não era só eu. Éramos todos. Isto que eu estou a dizer não se passava só comigo. Era com todas.

"Tudo tapadinho de neve"

Antigamente, nevava. Às vezes, ficava aqui tudo tapadinho de neve. Para irmos tratar do gado, pegávamos num pau para nos encostarmos e lá vamos nós. Calçávamos umas botas de borracha. Era o que se podia.

O incêndio: "Se morrer, morro em casa"

Aqui há três anos, houve este incêndio grande. Ardeu aí tudo. Foi por malvez. Começou a arder ao fundo do povo, numas leiras que cá estavam cheias de erva, e lá em baixo na Coucedeira à mesma hora. Este daqui foi à hora que o pessoal estava a tomar a bica. Acudiu logo lá tudo. Ligaram as mangueiras, uns com baldes de água e outros a cavar terra e o que calha, apagaram-no logo. O lá de baixo, nem sei se lá apareceu alguém para o apagar. Andou por lá e cá veio ter. Ardeu tudo... Ardeu tudo e depressa. Tivemos de sair daqui. Era a polícia, aí com os carros a apitar. Até metiam aflição!

- "Preparem-se, porque tem que sair tudo daqui para fora! Tem que ir tudo para o Piódão!"

Eu disse:

- Ai, Nossa Senhora! Eu não vou!

- "Tem que ir! Tem que ir!"

Ao fim, o meu filho mais velho disse:

- "Ó, mãe, tem que ir... Você não quer ir, mas tem que ir, porque com o problema que você tem, morre intoxicada com o fumo. E sabe que depois nem pode vir um médico, nem pode vir uma ambulância, nem pode vir nada!"

Pois. Andando tudo a arder, não podiam passar. Eu disse assim:

- Olha, também se morrer, morro em casa.

Mas depois havia aí gente de Lisboa e veio logo tudo ali para o largo. Era lá um alarido! Ai, Jesus! Digo assim:

- Também tenho que ir. Mas vou sem vontade!

Pronto. Lá fôramos nos jipes. Foram buscar os das quintas, dessas terras aí para baixo, e lá fôramos para a estalagem do Piódão. Vieram-nos buscar quase à noite. A gente ainda não tinha jantado. Chegáramos lá, logo apareceram com tabuleiros de sandes para as pessoas comerem. Daí a pouco, apareceu o presidente da Câmara e mais uma malta lá de Arganil. Eles ainda vinham com mais fome do que nós levávamos. Chegaram, começaram logo a tirar sandes e a comer. Ao fim, o Presidente da Câmara disse:

- "Vocês, comam, que depois no final quero dizer umas palavras."

- Está bem...

Quando ele disse, já lá vinha o autocarro para nos levar. Outros iam nos jipes da Polícia. Andavam aí com as ambulâncias a fazer barulho.

"É cá na serra, mas vive-se bem"

Dantes, a Casa do Povo era, chamava a gente a Eira. Era uma casa mais pequena. Como era pequena para tanta gente, fizeram outra em baixo no largo. Fizeram umas casas mais aí. Veio a estrada. Telefone, já há à muitos anos. Ainda eu era pequenina, já me lembra de cá haver telefone público. Agora, toda a gente tem em casa. E não há coisa melhor! Têm telefone em casa, têm luz em casa, têm água em casa. É cá na serra, mas vive-se bem.

Eu, às vezes, conto para os meus filhos:

- Olha, dantes era assim...

Diz-me assim o meu mais pequenino:

- "Lá está a mãe com as invenções..."

Digo assim:

- Não são invenções. Era o que era. Era o que se passava.

- "Oh! Isso agora não interessa."

Eles até pensam que a gente está a mentir, que está a inventar, quando a gente lhes conta as coisas de antigamente.

Sonhos "*Que Deus me desse saúde*"

O meu sonho era que Deus me desse saúde e me deixasse viver até aqui a muitos anos! Mas com saúde! No Verão, ando um bocadinho melhor, que é o tempo mais seco. Mas em vindo o Inverno, o frio, o nevoeiro, as humidades, passo muitos dias na cama. Não consigo. Não me dá vontade. Parece que é o peito apertado. Tenho que tomar todos os dias as bombas asmáticas e vários comprimidos para controlar a asma.

Avaliação *Mostrar a vida*

Acho bem que mostrem aos mais novos como era a vida antigamente.